

Universidade aberta à terceira idade: a experiência da Escola de Artes, Ciências e Humanidades

Tiago Nascimento Ordonez*, Meire Cachioni**

Resumo

O presente estudo visou: a) levantar dados sociodemográficos dos participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade da EACH/USP; b) caracterizar os motivos relatados pelos idosos quanto a frequentar o programa; c) verificar o impacto das relações intergeracionais no ambiente acadêmico. Para a coleta de dados foram utilizados um questionário sociodemográfico, duas questões abertas para avaliar o impacto das relações intergeracionais no ambiente acadêmico e uma escala para verificação dos motivos por ordem e por grau de satisfação que cada um representava. O grupo composto por adultos maduros e idosos com idade média de 62,20 anos (DP = 5,26 anos) foi basicamente constituído pelo gênero feminino (95%). Nos motivos para frequentar uma universidade aberta houve maior interesse em investir no próprio desenvolvimento, com o aumento de informação e autodesenvolvimento associado às relações sociais, visto que mais de 50% disseram que aumentar conhecimentos foi o primeiro motivo que os levou ao programa, seguido de aumentar o contato social. Quanto ao grau de satisfação a que cada variável representava, independentemente de como ordenaram os motivos, grande parte dos entrevistados

declarou-se “satisfeita” e “muito satisfeita” com seu envolvimento no programa. No contexto do contato intergeracional, todos que se relacionaram com indivíduos mais jovens disseram que havia vantagens e ganhos e que o contato modificara sua percepção positivamente sobre estes. Concluiu-se que o programa está atingindo seus objetivos e atendendo de modo eficaz às necessidades de seus participantes.

Palavras-chave: Universidade. Educação permanente. Idoso. Relações intergeracionais.

Introdução

O homem, por ser inacabado, tende à perfeição. A educação é, portanto, um processo contínuo que só acaba com a morte.

Pierre Furtès

Ao longo do século XX, em praticamente todo o mundo, o aumento do contingente de idosos nas populações suscitou o aparecimento de novas maneiras de encarar a velhice. Sob a influência

* Graduando em Gerontologia pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Endereço para correspondência: Tiago Nascimento Ordonez, Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Curso de Graduação em Gerontologia, Avenida Arlindo Bettio, 1000, Bairro Ermelino Matarazzo, CEP 03828-000, São Paulo - SP, E-mail: ordonez@usp.br.

** Psicóloga. Doutora em Gerontologia. Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

↳ Recebido em março de 2008 - Avaliado em julho de 2008

do progresso social, que se refletiu em aumento da expectativa da vida e na melhoria da qualidade de vida, aos poucos foi sendo revisto o conceito clássico segundo o qual a longevidade é algo negativo. A velhice, aos poucos, passou a ser vista como um momento no qual se pode viver com prazer, satisfação, realização pessoal, de modo mais maduro e também produtivo. Com essa perspectiva, passaram a ser buscadas novas posturas de atendimento e de oferta de serviços e de atividades ao idoso, compatíveis com as novas imagens do envelhecimento.

Em vários países, inclusive no Brasil, a universidade tem desempenhado essa função por meio de programas voltados para a educação permanente de adultos maduros e idosos, normalmente denominados “universidade aberta à terceira idade” (Unati). Tendo como pressuposto a noção de que a atividade promove a saúde, o bem-estar psicológico e social e a cidadania dessa clientela genericamente chamada de “terceira idade”, esses programas oferecem oportunidades para participação em atividades intelectuais, físicas e sociais. (CACHIONI, 2003).

A inclusão dos mais velhos nesses locais tem servido de espaço para rico contato intergeracional e de revisão de crenças e atitudes acerca da velhice, ao demonstrar que é possível aprender e se desenvolver durante a última etapa do ciclo vital.

O movimento universidade da terceira idade

Em meados da década de 1960, na França, foram criadas as “universidades do tempo livre”, instituições que promo-

viam atividades sociais e culturais para aposentados. Havia a preocupação de apenas entreter, ocupar o tempo livre e favorecer as relações sociais entre essa coorte etária. (CACHIONI; PALMA, 2006). As universidades do tempo livre foram precursoras das universidades da terceira idade, que surgiram no sudoeste da França em 1973 com Pierre Vellas, um renomado professor de direito internacional da Universidade de Ciências Sociais de Toulouse.

Pierre Vellas (1997), após um trabalho intenso, preliminarmente à sua criação, confirmou que as oportunidades oferecidas aos idosos eram quase inexistentes. Decidiu, então, abrir as portas da Universidade de Toulouse a todos os idosos, sem distinção de renda ou escolaridade, oferecendo-lhes programas com atividades intelectuais, físicas, culturais, artísticas e de lazer particularmente adaptados. Nesse contexto surgiu a “universidade da terceira idade”, que, além de entreter e ocupar o tempo livre dos idosos ou aposentados como faziam as universidades do tempo livre, manifesta-se como um programa de educação permanente de caráter universitário e multidisciplinar voltado a adultos maduros e idosos.

No Brasil, na década de 1960, por ser um país jovem, com apenas cerca de 5% de pessoas maiores de sessenta anos, a questão social dos idosos possuía pouca visibilidade. As ações que existiam eram tidas como caridade e efetivavam-se por meio de instituições asilares mantidas pelo governo ou por congregações religiosas, cuja finalidade era garantir a sobrevivência física do idoso. (FERRIGNO; LEITE; ABIGALIL, 2006).

A primeira iniciativa brasileira de oferecer educação a adultos maduros e idosos aconteceu na década de 1970, quando foram fundadas em São Paulo as primeiras “escolas abertas para a terceira idade” do Serviço Social do Comércio (Sesc), projeto fortemente influenciado pelo programa francês de universidade da terceira idade. Em 1982, a Universidade Federal de Santa Catarina tornou-se a primeira instituição de ensino superior no Brasil a aderir ao movimento Universidade Aberta à Terceira Idade, por intermédio do Núcleo de Estudos para a Terceira Idade (Neti). (CACHIONI; PALMA, 2006).

No final da década de 1980, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro formou um grupo interdisciplinar de profissionais interessados nas questões da terceira idade, o Núcleo de Assistência ao Idoso (NAI), que posteriormente se transformaria numa universidade aberta à terceira idade (Unati-Uerj). Em 1990, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas iniciavam-se as atividades da Universidade da Terceira Idade, programa que representou um marco importante na evolução da gerontologia educacional no Brasil, servindo de modelo e inspiração para a criação de muitas outras. (CACHIONI, 1998).

A Universidade de São Paulo estruturou o projeto Universidade Aberta à Terceira Idade em 1993, quando foi aprovada e acolhida uma proposta realizada pelo Instituto de Psicologia, solicitando à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão a abertura dos cursos da universidade para pessoas idosas. (BOSI, 1997). Os alunos cursam disciplinas dos

cursos de graduação nas três áreas do conhecimento: ciências exatas, biológicas e humanas. Os requisitos para cursá-las incluem idade mínima de sessenta anos, exame de currículo, entrevista ou formação superior. O programa não certifica a conclusão de curso nem vincula o participante a cursos regulares da USP. Desenvolve-se em três áreas:

- disciplinas regulares – cada unidade da USP adota um critério para abrir vagas nos cursos de graduação;
- atividades complementares didático-culturais – fórum de debates sobre a terceira idade, minicursos oferecidos pelas faculdades ou institutos, canto coral, programa lazer com arte, oficina de criatividade, concertos didáticos com a Orquestra Sinfônica da USP, cursos de línguas, matemática do dia a dia, gerontologia social, dentre outras;
- atividades complementares físico-esportivas – caminhadas, jogos, ginástica adaptada e condicionamento físico.

O programa é desenvolvido em todos os *campi* da USP – em Bauru, Piracicaba, Pirassununga, Ribeirão Preto, São Carlos – e, em São Paulo, na Cidade Universitária. Recentemente, em 2006, o programa foi implantado na Escola de Artes, Ciências e Humanidades. (UNIVERSIDADE..., 2006). A EACH USP abriu suas portas para a Universidade Aberta à Terceira Idade, oferecendo as seguintes atividades à população idosa:

- atividades complementares didático-culturais – Curso de Gerontolo-

gia: oficina de Promoção à Saúde e Qualidade de Vida, oficina de Cuidados à Saúde e Prevenção de Doenças na Terceira Idade, oficina Desafiando a Memória, Grupo de Crescimento Pessoal; Comissão de Cultura e Extensão Universitária da EACH: Coral USP Leste;

- disciplinas regulares – Curso de Gerontologia: fundamentação do processo de cuidar em idosos; Curso de Lazer e Turismo: oficinas de Lazer e Turismo II.

A necessidade de aprendizagem de um tema específico que deixe os idosos atualizados com os temas contemporâneos, permitindo que enfrentem os desafios propostos pela sociedade atual, é um dos motivos que levam diversos idosos às chamadas “universidades da terceira idade ou universidades abertas à terceira idade”. (LIRA, 2000).

No entanto, a inclusão em um programa educativo nem sempre se resume à atualização de conhecimentos. A capacidade de se ter um processo educativo construído pelos próprios participantes, por meio do diálogo e da participação, torna-se mais importante, pois, como sabemos, o ser humano é um ser social, que necessita interagir com seus iguais. Nas universidades abertas à terceira idade os idosos têm a oportunidade de se relacionar com pessoas da mesma faixa etária, que compartilham dos mesmos problemas e neste local possuem a oportunidade de discuti-los. (CACHIONI; PALMA, 2006).

Neri (1996) documenta em seu estudo desenvolvido no período de 1991 a 1994 na Universidade da Terceira Idade da PUC-Campinas os motivos

que levaram um grupo de 437 adultos maduros e idosos a procurar o programa. Independentemente de gênero e idade, essas pessoas deram respostas que foram categorizadas em cinco grandes classes, que são, por ordem de importância para o grupo pesquisado:

- busca de conhecimentos e de atualização cultural: desejo de completar seu ciclo de educação formal, satisfazendo, assim, a um grande sonho;
- motivos orientados ao self: busca de oportunidades para o autodesenvolvimento, autoconhecimento, regulação emocional e solução de problemas particulares;
- busca de contato social: intenção de fazer amigos e procurar companhia, desejo de viver em grupo;
- ocupação do tempo livre: caminho para compensar a perda de papéis ocupacionais;
- compromisso com a geratividade: desejo de saber mais para poder auxiliar os entes queridos e os outros idosos na busca por seus direitos.

O estudo coloca em evidência os grandes temas evolutivos dessas faixas etárias, tais como a integridade, a geratividade e o envolvimento. Coerente com tal raciocínio, McLusky (apud GLENNING, 1999, p. 5) ressalta:

As pessoas idosas têm uma necessidade vital por este tipo de educação, que as habilitará a exercer influência em proteger e melhorar sua própria situação, além de contribuir com o bem-estar de uma sociedade maior. Tal resultado poderia ajudar na mudança da ênfase (tão comum em programas de serviços atuais) de “fazer para” o idoso para

ajudá-los a “fazerem por si mesmos”, assim como fazer pela comunidade.

As universidades da terceira idade têm se constituído, entre outras iniciativas, numa alternativa de oferecer melhoria na qualidade de vida e bem-estar aos que envelhecem. Além de aprendizagens referentes a conhecimentos de ordem biopsicossocial e espiritual no processo de envelhecimento, reconstroem a concepção da velhice, fortalecem as relações sociais e familiares e contribuem para a manutenção da funcionalidade e autonomia da pessoa idosa, elevando sua autoestima e resgatando-lhe a participação social de forma consciente e crítica, condições essas associadas ao conceito de velhice bem-sucedida. (LACERDA, 2004).

Em suma, busca-se nesses programas educacionais satisfazer ao desejo de conhecer, de estar atualizado, de conquistar a própria cidadania, de fazer parte do mundo e nele se desenvolver. Esses são os pretextos que impulsionam adultos maduros e idosos a buscarem os mais diversos tipos de programas educacionais, dentre os quais a Unati.

O presente estudo pretendeu verificar na Universidade Aberta à Terceira Idade da EACH USP o perfil sociodemográfico dos alunos idosos matriculados no primeiro semestre de 2007, os motivos de adesão ao programa e o impacto gerado pelo contato estabelecido pelas diversas faixas etárias por ocasião das atividades oferecidas.

Considerou-se de fundamental importância conhecer as principais características e expectativas deste grupo para a implementação de novas atividades, bem

como para atender às demandas específicas de seus interesses educacionais.

Metodologia

Sujeitos

A amostra foi constituída por vinte estudantes da Unati - EACH USP, com idade igual ou superior a 54 anos, inscritos no primeiro semestre de 2007, os quais voluntariamente aceitaram participar do estudo.

Instrumentos

Os dados foram coletados mediante:

- um questionário com questões fechadas e mistas, para levantamento de dados sociodemográficos;
- uma escala de quatro itens (cinco pontos) e um aberto para verificação dos motivos para adesão ao programa. Os itens cobrem as categorias relatadas por Neri (1996) e investigadas por Cachioni (1998) – aumentar conhecimentos, investir no aperfeiçoamento pessoal, aumentar o contato social e aproveitar o tempo livre de forma útil. No intuito de contemplar eventuais peculiaridades locais foi acrescentado um item aberto (outros), cujas respostas foram categorizadas. Além de responder nas escalas de cinco pontos os sujeitos classificaram os motivos por ordem de prioridade;
- duas questões abertas para avaliar o impacto das relações intergeracionais no ambiente acadêmico.

Procedimentos

Inicialmente, conversou-se com os professores responsáveis pelas atividades a fim de realizar o primeiro contato com os sujeitos da pesquisa. Posteriormente, cada interessado recebeu um protocolo com as questões referentes ao presente estudo e, em seguida, um termo de consentimento livre e esclarecido, que garantia direito à participação voluntária e a afastamento da pesquisa se e quando o desejassem.

Resultados

Dados sociodemográficos dos entrevistados

A maioria dos sujeitos eram mulheres (95%), ocorrência semelhante à de outras pesquisas realizadas em instituições similares. No grupo desta pesquisa havia 10% de indivíduos entre 50 e 54 anos de idade; 20% entre 55 e 59; 40% entre 60 e 64; 20% entre 65 e 69 e 10% entre 70 e 74 anos de idade. Do total de entrevistados, 45% eram casados; 35%, viúvos; 10%, divorciados e 10%, solteiros.

Quanto à escolaridade, foi observado que 45% dos sujeitos tinham ensino fundamental incompleto; 5%, ensino fundamental completo; 5%, ensino médio incompleto; 25%, ensino médio completo e 20%, ensino superior. Dos entrevistados, 60% ainda trabalhavam e não eram aposentados, independentemente de serem idosos. O grupo composto por aposentados foi formado apenas por mulheres, que desempenhavam profissões predominantemente femininas (costureiras, vendedoras e domésticas). A maioria

(95%) possuía filhos e netos, e apenas 20% moravam sozinhos. Quanto à renda mensal familiar, 20% declararam receber até um salário mínimo; 15%, entre um e dois; 25%, entre dois e três; 25%, entre três e quatro; 10%, entre quatro e cinco e 5%, mais de dez salários mínimos mensalmente.

Quanto à motivação dos idosos para frequentar a Universidade Aberta, os sujeitos classificaram as quatro variáveis de motivos por ordem de preferência. Para melhor visualização dos resultados foram utilizados *box plots* por motivos. Aumentar conhecimentos foi a citada em primeiro lugar (com mais de 50% dos votos); aumentar o contato social em segundo lugar; investir no aperfeiçoamento pessoal, em terceiro, e ocupar o tempo livre, em quarto lugar (Fig. 1).

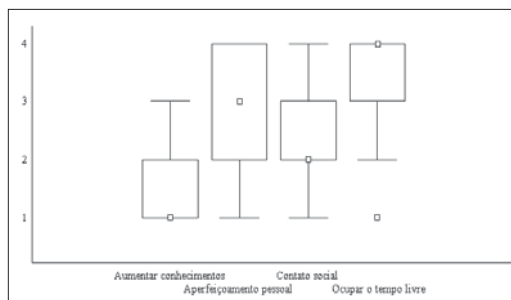


Figura 1 - Distribuição das respostas de classificação dos motivos

Foram analisadas as avaliações que os sujeitos fizeram quanto ao grau de satisfação referente a cada uma dessas variáveis, em escalas de cinco pontos. Independentemente de como ordenaram os motivos, os entrevistados, em sua maioria, declararam-se “satisfeitos” (3) e “muito satisfeitos” (4) com seu envolvimento no programa (Fig. 2).

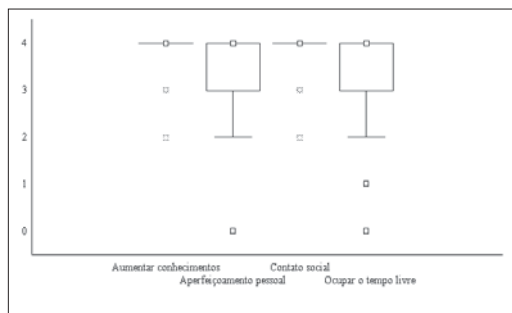


Figura 2 - Distribuição das respostas quanto ao grau de satisfação

Aumentar conhecimentos e aumentar o contato social foram variáveis que receberam as maiores pontuações, com 80% dos entrevistados apontando-as como “muito satisfatórias”.

O contato intergeracional no ambiente acadêmico: relatos dos estudantes adultos maduros e idosos

No contexto do contato intergeracional, todos que se relacionaram com indivíduos mais jovens (85% dos entrevistados) disseram haver vantagens e ganhos em conviver com pessoas mais jovens no ambiente acadêmico. A maioria relatou que traz ganhos à saúde, às relações sociais e à autoestima. Notou-se que os entrevistados acreditavam que na universidade iriam ser alvos de preconceitos e negligência por parte dos jovens (Quadro 1).

Quadro 1 - Emissões relativas ao fato de conviver com os mais jovens na universidade

O (a) senhor (a) acha que conviver com os mais jovens na universidade traz ganhos ou vantagens pessoais para a sua vida?

1. Sim, conviver com os mais jovens na universidade traz ganhos, estava com depressão e apenas ao estar entre mais jovens me renovei, ganhei vida e sai da depressão.
2. Sim, traz diversos ganhos, me sentia velha e no último estágio de vida. Conviver com os jovens da universidade me fez sentir mais jovem e com mais força e expectativa para viver. Graças a Deus eu estou tendo contato com jovens maravilhosos.
3. Sim, acho que esse contato que tive aqui dentro com a professora e os jovens me fez bem, pois tinha dificuldade em me expressar, era muito tímida. Agora estou conseguindo me expressar e conversar com todos.

Este contato modificou a sua percepção sobre pessoas jovens e sobre essa etapa da vida?

1. Sim, achava que todos seriam preconceituosos, porém todos são ótimos. Eu mesma antes não gostava de velhos quando era jovem.
2. Sim, eu via os jovens como pessoas que não se importavam com os mais velhos, hoje vejo que não era bem assim.

Discussão

Quanto ao perfil dos alunos, os resultados deste estudo, comparados com perfis de outras experiências de universidades abertas à terceira idade, apresentam muita semelhança. (SANT'ANNA, 1997; LIRA, 2000; SILVA, 1999; CACHIONI, 1998; WILLIAMSON, 2000; PEIXOTO, 1997; STREY et al., 1997; DEBERT, 1999; AREOSA, 2004).

Neste estudo e em experiências análogas, a proporção de mulheres idosas em relação aos homens idosos é elevada, uma vez que estes procuram menos esse tipo de participação em programas de educação permanente. Várias são as explicações para esse fato: as mulheres ficam viúvas e mais solitárias na terceira idade, ao passo que os homens tendem a outro casamento; tradicionalmente, os homens resistem a se engajar em atividades de cunho mais cultural, educacional e lúdico. Portanto, ações destinadas à população idosa devem considerar o universo feminino na terceira idade e suas peculiaridades. (DEBERT, 1997; DEBERT, 1999; BARRETO et al., 2003).

A população estudada apresentou, em sua maioria, o que se denomina de “adultos maduros” e “jovens idosos”, compreendidos entre a faixa dos 54-69 anos de idade. Esse padrão de participação encontrado é semelhante ao relatado nas demais experiências de universidades da terceira idade. (CACHIONI, 1998; SILVA, 1999; WILLIAMSON, 2000; BARRETO et al., 2003; AREOSA, 2004; KIM; MERRIAM, 2004).

Isso ocorre porque para frequentar programas como o da Universidade Aberta da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP é necessário ter competência e manejo em termos de desempenho das atividades instrumentais de vida diária (AIVD), muitas das quais possuem um nível de complexidade maior que as atividades de vida diária. Sabe-se que com o aumento da idade aumenta proporcionalmente o aparecimento de algum grau de dependência,

tanto nas atividades de vida diária (AVD) quanto nas atividades instrumentais de vida diária. Portanto, é compreensível a maior frequência de estudantes adultos maduros e idosos jovens, que estão com sua capacidade funcional preservada. (VERAS; CAMARGO JR, 1995).

Segundo Ramos (1999), idosos com maior dependência para o desempenho das atividades de vida diária apresentam um risco três vezes maior de morrer do que aqueles mais autônomos e independentes. Portanto, ações de promoção e manutenção da autonomia e independência e educação para o autocuidado são estratégias importantes a serem desenvolvidas junto à população das universidades da terceira idade.

O nível de escolaridade encontrado nesta pesquisa foi semelhante aos documentados em estudos realizados por Veras e Camargo Junior (1995) e Peixoto (1997), nos quais a maior parte dos participantes possuía pouca educação formal. De modo geral, comparado às épocas anteriores, o acesso à educação hoje é menos precário. Assim, os idosos buscam ocasionando a conquista de um sonho de infância ou apenas a continuação formal de sua educação. (BERQUÓ, 1992). Em nosso estudo, 45% possuíam apenas o ensino fundamental incompleto. Alguns relataram que, quando jovens, tinham como prioridade trabalhar, portanto o estudo ficava em segundo plano. Houve um caso em que uma participante relatou que seu pai a proibia de ir à escola, de aprender a ler e escrever, porque alegava que isso apenas serviria para ela mandar bilhetes para possíveis flertes.

Quanto ao estado conjugal, a maioria das mulheres são viúvas (35%) e casadas (45%), dados semelhantes aos encontrados por Veras e Camargo Junior (1995), Goldman (1997), Peixoto (1997) e Carneiro (1998). O estado civil das idosas estudadas corrobora com os achados demográficos do Brasil, onde ser mulher em idade avançada reflete em seu estado civil, ou seja, casada ou, em sua maioria, viúva à medida que a idade avança. (CAMARANO, 2006). Como salienta Veras,

devido ao maior período de vida das mulheres, ocorre também o aumento do número de mulheres viúvas. Além da mulher ser mais longeva, normalmente por fatores culturais, ela se casa mais jovem do que o homem. O resultado desses dois fatores é um período mais extenso de solidão entre mulheres viúvas em relação ao homem. (1994, p. 42).

No grupo analisado, observamos que, quanto ao arranjo domiciliar, o aspecto morar só chama a atenção, pois 20% das idosas estão nesta condição, mesmo que, segundo Peixoto (1997), isso possa refletir as transformações ocorridas no interior das relações familiares, não significando, necessariamente, abandono e solidão, mas, sobretudo, uma oportunidade de preencher o tempo livre após a aposentadoria. O autor refere que em seus achados na Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade do Rio de Janeiro observou que 37% vivem sós.

Goldman (1997) documentou em uma universidade da terceira idade privada que quase a metade dos participantes mora só e, em uma outra universidade, pública, um quarto dos participantes também morava só. É importante res-

saltar essa condição, pois morar só pode se constituir como um fator de risco para o idoso, na medida em que o envelhecimento pode provocar alterações que podem comprometer a autonomia e a independência. Portanto, é um dado muito importante e que merece ser analisado em conjunto com outras informações, referentes à autonomia e independência e também à rede de suporte social. (BARRETO et al., 2003). Lembra-se que essa proporção de idosos que mora só aumenta à medida que avança a idade, pois, entre as pessoas de até 69 anos, 33% moram sozinhos, número cresce para 45% quando elas têm setenta anos e mais. (PEIXOTO, 1997).

Outro resultado que merece destaque é o referente ao rendimento familiar, visto que 35% possuíam renda mensal familiar entre um e dois salários mínimos; apenas uma pessoa possuía renda familiar de mais de dez salários mínimos em nosso estudo. Dados semelhantes foram encontrados no estudo de Peixoto (1997). Para o autor, é de admirar que as mulheres mais idosas recebam os mais baixos rendimentos, na faixa de um a dois salários mínimos, tendo a maior parte destas setenta anos e mais (37,8%), seguidas das que têm entre 65 e 69 anos (30,5%).

Esse panorama atinge também países desenvolvidos como os Estados Unidos, onde pesquisa recente mostrou que os americanos estão mal preparados psicológica e financeiramente para a velhice, pois sabem que, ao se aposentar, inevitavelmente, a renda mensal diminuirá na falta de atividades extras e rentáveis, mesmo que informais. A

perspectiva de uma velhice próspera, proporcionada pelos fundos de pensão das empresas, está desaparecendo.

Nos motivos para frequentar uma universidade da terceira idade, destacou-se o maior interesse em investir no próprio desenvolvimento com o aumento de informação e autodesenvolvimento, associado às relações sociais, visto que mais de 50% declararam que aumentar conhecimentos foi o primeiro motivo que os levava ao programa, seguido de aumentar o contato social. Em terceiro lugar aparece investir no aperfeiçoamento pessoal e, em último, ocupar o tempo livre, dados que alguns estudos corroboram. (CACHIONI, 1998; SILVA, 1999; RAHAL, 1994; ERBOLATO, 1996; LIRA 2000; CACHIONI; PALMA, 2006).

Quanto ao grau de satisfação que cada variável representava, independentemente de como ordenaram os motivos, grande parte dos entrevistados declarou-se “satisfeita” e “muito satisfeita” com seu envolvimento no programa, sugerindo que está atingindo seus objetivos e atendendo de modo eficaz às necessidades de seus participantes.

As variáveis aumentar conhecimentos e aumentar o contato social foram as mais citadas, com as quais é possível se ter um processo educativo construído por seus próprios participantes por meio do diálogo e da participação.

No contexto do contato intergeracional, todos que se relacionaram com indivíduos mais jovens disseram que havia vantagens e ganhos nisso e que o contato modificara sua percepção positivamente sobre os mais jovens.

Em uma primeira análise dos depoimentos quanto ao contato intergeracional, constatou-se que os adultos maduros e idosos que frequentavam as mesmas salas de aulas com pessoas mais jovens sofreram um impacto positivo durante a convivência no ambiente acadêmico. Esse contato produziu benefícios para todos os participantes, os quais se traduziram no desenvolvimento da compreensão e do conhecimento sobre si mesmo e sobre o próximo. Ferrigno (2003) destaca que esse contato resulta numa visão mais realista sobre as demais gerações, fator decisivo para a luta contra a segregação das faixas de idade, que empobrece as relações sociais e provoca o preconceito etário em suas várias direções, dos velhos em relação aos jovens e destes em relação aos idosos.

Enfim, constatou-se que os contatos sociais promovem o fortalecimento dos recursos pessoais porque facilitam a comparação social, reestruturam o autojulgamento e o autoconceito, possibilitando um envelhecimento bem-sucedido para os participantes da experiência. De certo modo, esses estudantes aprenderam a viver com os outros, a compreender os outros, a desenvolver a percepção da interdependência, a administrar conflitos, a participar de projetos comuns, a ter prazer no esforço comum. Assim, ganharam conhecimentos sobre os outros e sobre si próprios. (DELORS, 1999; SILVA, 1999).

Considerações finais

Esta investigação possibilitou a discussão de conceitos e percepções sobre a disseminação de uma velhice mais

positiva, desprovida de preconceitos, colaborando para a manifestação dos idosos sobre as suas reais necessidades e a importância da sua participação na sociedade.

A experiência mostrou-se benéfica a todos os participantes, favorecendo o contato intergeracional e provocando efeitos claros, compensatórios e estimulantes para um envelhecimento bem-sucedido. O contato intergeracional permitiu que adultos maduros e idosos se apoderassem de conhecimentos, indicando que o desenvolvimento humano ocorre ao longo de toda a vida e que perdas e ganhos existem em todas as fases do ciclo de vida.

Portanto, aprender é um processo contínuo e interminável, é algo natural; logo, é uma necessidade. Pensar que por envelhecemos perdemos a capacidade de aprender é um erro. Desse modo, programas educativos que desenvolvam ao máximo a potencialidade de aprendizado dos seres humanos, não apenas na sua juventude, mas ao longo da vida, e que, ao mesmo tempo, estimulem o contato social são bem-vindos.

Open university of the third age: the experience of the School of Arts, Sciences and Humanities

Abstract

This study aimed: a) raise the sociodemographic data of the participants of the Open University of the Third Age – EACH/USP; b) characterize the reasons reported by the elderly as to attend the program, and; c) assess the impact of intergenerational relations in the academic environ-

ment. For collecting data it was used a socio-demographic questionnaire, two open questions to assess the impact of intergenerational relations in the academic environment and a scale to determine the reasons by order and by level of satisfaction that each represented. The group composed of mature adult and elderly at an average of age of 62,20 years (SD = 5,26 years) was basically made by females (95%). The reasons to attend Open University was more interested in investing in their own development with the increase of information and self-development associated with social relations, as more than 50% said that increase knowledge was the first reason that brought to the program, followed to increase social contact. As to the degree of satisfaction that each variable accounted for, regardless of how ordered the reasons, most of the respondents declared themselves satisfied and very satisfied with their involvement in the program. In the context of intergenerational contact, everyone who is associated with younger said they had advantages and gains, and has changed their perception positively. We concluded that the program is achieving its goals and giving them an effective response to their needs of its participants.

Key words: University. Continuing education. Aged. Intergenerational relations.

Referências

- AREOSA, S. V. C. O que pensam as mulheres e os homens idosos sobre o seu envelhecimento? *Textos & Contexto*, Santa Cruz do Sul: Unisc, n. 2, p. 1-12, dez. 2004.
- BARRETO, K. M. L. et al. Perfil sócio-epidemiológico demográfico das mulheres idosas da Universidade Aberta à Terceira Idade no estado de Pernambuco. *Revista Brasileira de Saúde Materna e Infantil*, Recife, v. 3, n. 3, p. 339-354, jul./set. 2003.

- BERQUÓ, E. Envelhecimento populacional no Brasil e suas conseqüências. In: PEREIRA, D. M. (Org.). *Idoso: encargo ou patrimônio?* São Paulo: Proposta Editorial, 1992. p. 51-59.
- BOSI, E. A USP aberta à terceira idade. *Jornal da USP*, São Paulo, p. 4, 23-29, jun. 1997.
- CACHIONI, M.; PALMA, L. S. Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e o idoso. In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 1456-1465.
- CACHIONI, M. *Quem educa os idosos?* Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade. Campinas: Alínea, 2003.
- _____. *Envelhecimento bem-sucedido e participação numa universidade para a terceira idade: a experiência dos alunos da Universidade São Francisco*. 1998. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1998.
- CAMARANO, A. A. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 88-105.
- CARNEIRO, E. M. D. *A universidade aberta como uma ação estratégica para a terceira idade: apontamentos para a compreensão dessa prática educativa*. 1998. (Especialização) - Universidade Federal do Maranhão, São Luiz, 1998.
- DEBERT, G. D. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1999.
- _____. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 39-56, jun. 1997.
- DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- ERBOLATO, R. M. P. L. *Universidade da terceira idade: avaliações e perspectivas de alunos e ex-alunos*. 1996. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1996.
- FERRIGNO, J. C. *Professores jovens e alunos velhos em um processo de co-educação de gerações*. 2003. 202 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- FERRIGNO, J. C.; LEITE, M. L. C. B.; ABIGALIL, A. Centros e grupos de convivência de idosos: da conquista do direito ao lazer ao exercício da cidadania. In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 1436-1443.
- GLENDENNING, F. *O que é gerontologia educacional: definições britânica e norte-americana*. Trad. de Elizabeth Carvalho Lugão. Rio de Janeiro: Uerj, 1999.
- GOLDMAN, S. N. A política brasileira e os alunos de universidades para a terceira idade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA, 5-9 dez. 1997, Rio de Janeiro, RJ. *Resumos...* Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1997.
- KIM, A.; MERRIAM, S. B. Motivations for learning among older adults in a learning in retirement institute. *Educational Gerontology*, v. 30, n. 6, p. 441-455, 2004.
- LACERDA, A. M. G. M. A prática político-pedagógica nos 11 anos da Universidade Aberta à 3ª Idade - UNATI/UCG. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2. 12-15 set. 2004, Belo Horizonte. *Anais...* Goiânia: Unati/UCG, 2004.
- LIRA, L. C. *Adesão-evasão em programas educacionais da universidade aberta da terceira idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*. 2000. 86 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2000.

- NERI, A. L. Coping strategies, subjective well-being and successful aging: Evidences from research with mature and aged adults involved in an educational experience in Brazil. In: CONFERENCE OF THE ISSBD, 14th. ago. 1996, Québec, Canadá. *Anais...* Québec: 10-14, 1996.
- PEIXOTO, C. De volta às aulas ou de como ser estudante aos 60 anos. In: VERAS, R. (Org.). *Terceira idade: desafios para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997. p. 41-74.
- RAHAL, E. R. L. Faculdade da Terceira Idade de São José dos Campos - Reflexos na vida de seus alunos. *A Terceira Idade*, Sesc São Paulo, v. 8, p. 52-69, 1994.
- RAMOS, L. E. (Org.). Palestra de abertura. In: *Oficina de trabalho da política nacional de saúde do idoso: versão preliminar*; abril; Brasília (DF). 1999.
- SANT'ANNA, M. J. G. Unati, a velhice que se aprende na escola: um perfil de seus usuários. In: VERAS, R. (Org.). *Terceira idade: desafios para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997. p. 75-102.
- SILVA, F. P. *Crenças em relação à velhice, bem-estar subjetivo e motivos para frequentar Universidade da Terceira Idade*. 1999. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- STREY, M. N. et al. C. Mulher, gênero e representações. In: STREY, M. N. (Org.). *Mulher: estudos de gênero*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1997. p. 79-96.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Universidade Aberta à Terceira Idade. *Caderno de Atividades*, São Paulo: USP, 2º sem. 2006.
- VELLAS, P. *Le troisième souffle*. Paris: Grasset, 1997.
- VERAS, R. P.; CAMARGO JR, K. R. Idosos e universidade: parceria para a qualidade de vida. In: _____ (Org.). *Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1995. p. 11-27.
- VERAS, R. P. *País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- WILLIAMSON, A. Gender issues in older adults' participation in learning: viewpoints and experiences of learners in the University of the Third age (U3A). *Educational Gerontology*, v. 26, n. 1, p. 49-66, 2000.